

O ESPORTE COMO COMPONENTE EDUCACIONAL PARA MENINOS DE RUA

Constantino Ribeiro de Oliveira Júnior

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo analisar a possibilidade de utilização do esporte como um meio para a educação de meninos de rua. Enfoca-se os valores que são interiorizados com a prática esportiva. Seja no clube, na escola ou nos projetos sociais destinados a estes meninos.

Palavras-Chave

Esporte; Educação; Infância.

EDUCATIONAL THE SPORT AS COMPONENT FOR STREET BOYS

Constantino Ribeiro de Oliveira Júnior

Abstract

The present work has for objective to analyze the possibility of use of the sport as a middle for the street boy's education. It is focused the values that plows transmitted with the sporting practice. Be in the club, in the school or in the social projects destined to these boys.

Key-Words

Sport; Education; Infancy.

INTRODUÇÃO

Vivemos um período no qual os valores atribuídos aos seres humanos parecem estar em baixa. Vivemos um momento no qual a educação ofertada aos nossos filhos parecem estar sendo influenciada. Qual o tipo de influência? Por quem? Pelo quê? Não precisa ir longe para verificarmos. Basta assistir o noticiário e veremos escolas públicas, principalmente dos Estados do Rio de Janeiro e de São Paulo, sendo mandadas, ocupadas por traficantes¹. Aparentemente, a escola pública tornou-se um mercado promissor. A escola deixou de ser preocupação somente da Secretaria de Educação. Tornou-se um problema de segurança pública. Como combater valores que denigrem a dignidade humana, como o consumo de drogas, se estes valores estão sendo interiorizados no mesmo espaço que deveria ser combatido? Na escola temos este quadro. Imaginem na rua. Como estará este ambiente? Quais os valores que são interiorizados pelo menino de rua?

Este quadro é apenas uma das facetas que o processo educacional convive neste final de século. Qual seria a relação destes problemas com o presente trabalho? Pretendemos identificar os valores centrais que o processo educacional, realizado no Brasil, transmite aos meninos de rua, através do “esporte”. Para isso, de imediato torna-se necessário esclarecer alguns pontos. O menino de rua convive com o quadro que apresentamos acima. O seu espaço educacional é a rua. Mas não é só o menino de rua que convive com estes problemas. As crianças que freqüentam o sistema público de ensino começam a ter os mesmos problemas que encontramos na rua.

Este quadro se torna relevante ao presente texto na medida em que entendemos que a escola é o espaço pretendido para se inserir o menino de rua na sociedade. Projetos sociais, seja proporcionado pelo poder público ou pelas Organizações Não Governamentais, colocam o retorno à escola como um dos objetivos centrais para a reintegração social destes meninos².

Tendo este ponto claro, ou seja, que o meio escolar será utilizado como o meio de interiorização de valores no processo de socialização, passamos a esclarecer outro ponto. Alguém pode se perguntar: por quê “esporte” entre aspas? É que não pretendemos abordar o esporte numa perspectiva moderna. Ou seja, não pretendemos fragmentá-lo como um objeto preciso. Como estamos colocando o menino de rua numa situação semelhante aos alunos que estão no sistema público de ensino; considerando que o meio formal

¹ Como exemplo podemos referenciar o Bom dia news, telejornal apresentado pela rede Bandeirantes no dia 28/04/98. Nesta reportagem mostrou-se a ocupação de escolas por traficantes e a promessa do Estado de ocupar estes espaços com o aparato policial.

² Para ilustrar este quadro podemos citar o COCASPE, projeto desenvolvido na cidade de Ponta Grossa- Paraná. O projeto da Mangueira, no Rio de Janeiro. O projeto Axé, na Bahia.

de ensino é um dos estágios pretendidos para se inserir o menino de rua e pensando no esporte como um meio pelo qual se transmite valores que estão presentes no processo de socialização das crianças, precisamos mapear o entendimento de esporte que se dará no presente texto. O raciocínio que apresentamos é o de que o “esporte” co-existe, junto a Educação Física, no mesmo ambiente escolar. Mais, o esporte utilizado na escola é o mesmo que se utiliza em projetos sociais destinados ao menino de rua.

Como veremos, um dos principais pontos que se discute na escola é o fazer pedagógico. Neste fazer pedagógico encontramos interiorizados valores que serão transmitidos as crianças. Existe dois pontos. Um que se discute na aula de Educação Física, na qual o discurso corrente é o de participação de todos, e em certa medida a prática ainda privilegia aquilo que se faz no esporte. Outro, refere-se a iniciação esportiva dentro da escola. Discute-se valores, principalmente de como se operacionalizar esta iniciação, mas com outros fins. Quais? Colocaríamos o princípio da seleção para se conseguir alguns talentos esportivos como fim desejado. Na Educação Física este fim parece, no discurso, não ser pretendido, mas na operacionalização ainda vemos a seleção pelos mais aptos imperar.

Em trabalho anterior³ mostramos que existe várias manifestações para o esporte. Entre elas o esporte social toma vulto. Esta manifestação surge como um dos meios para se tirar o menino de rua. Outras manifestações como o esporte educacional e o esporte rendimento são apresentados e diríamos que, em essência, as manifestações são diferenciadas de acordo com o ambiente em que se aplica o esporte. Como se chegar na discussão de valores? Para responder a esta questão diríamos que a discussão dos valores atribuídos ao esporte no processo educacional serão apresentados e discutidos, no presente texto, com o termo Educação Física/Esporte. Isto porque a discussão estará centrada na obra de BRACHT⁴. E esta discussão é atribuída ao esporte como um dos conteúdos utilizados na Educação Física. Colocando a discussão no patamar dos valores da sociedade capitalista, chega-se a conclusão que a terminologia não é a mais importante.

Será que os valores de mercado influem no processo educacional através do esporte?

O PROCESSO EDUCACIONAL ATRAVÉS DO ESPORTE

BRACHT, no seu livro Educação Física e Aprendizagem social, destina uma das partes para discutir se “a

³ OLIVEIRA JUNIOR, C. R. de. *Fundamento do Esporte Social para a Criança de Rua*. In 3º Congresso Latino-Americano Esporte, Educação e Saúde no Movimento Humano, Gráfica Universitária, 1996, pp164-175.

⁴ BRACHT, V. *Educação Física e Aprendizagem Social*, Magister, 1992.

criança que pratica esportes respeita as regras do jogo... capitalista”. Seu objetivo é analisar se a

Educação Física contribui no processo de sociabilização das crianças e adolescentes. No primeiro momento ele nos mostra duas formas de entendimento das funções da Educação Física Escolar. Entendimento que perpassa pelos profissionais da área. São elas: (i) biológica, cuja função seria o melhoramento da aptidão física dos indivíduos e (ii) bio-psíquica, que acrescenta à aptidão física o desenvolvimento psíquico.

Pelo primeira vertente diríamos que o indivíduo tornar-se-ia mais útil a sociedade, pois estariam mais aptos para atuar nesta sociedade. Na segunda, a Educação Física atua com o objetivo de desenvolver, não só a aptidão física mais também, o intelecto e a abordagem sistemática, atuando sobre os domínios psicomotor, cognitivo e afetivo.

Estas duas formas de entendimento recebem a crítica de não contemplarem uma realidade social. O papel social da Educação Física fica fragilizado por não se ter uma análise dos condicionantes sociais da Educação, Educação Física e atividade pedagógica.

Qual é o papel social que a Educação Física concretamente cumpre? Para responder esta questão, BRACHT mapea alguns autores que tiveram esta preocupação. Entre eles CASTELANI, CAVALCANTI, FERREIRA, OLIVEIRA e MEDINA⁵. Estes autores deram suas contribuições para o entendimento do papel social da Educação Física em algum momento. Como exemplo, o primeiro mostra que papel que a Educação Física tem cumprido é o de estereotipação do comportamento humano bem como o adestramento físico com fins à defesa da Pátria bem como à preparação ao “trabalho necessário aos interesses da classe dominante”. O segundo denuncia o caráter ideológico do movimento conhecido como Esporte Para Todos - EPT. O caráter ideológico é levantado em função da ênfase dada a metodologia sem a preocupação de uma interpretação do significado do esporte para o homem e a sociedade. Interpretação interessante na medida em que pensamos que a atividade desenvolvida para o menino de rua necessita desta reflexão. Vejamos a interpretação de BRACHT.

Uma das justificativas da inclusão da Educação Física nos currículos escolares é sua força no processo de sociabilização das crianças. Atribui-se ao esporte mecanismos que possibilitam as crianças várias experiências pelas quais elas interiorizam valores que poderíamos classificar como aspetos positivo-

⁵ Ibid., p. 58.

funcionais. Entre estes valores temos, segundo BRACHT: (i) o reconhecimento do “outro” no caminho entre a criança e o mundo, (ii) conviver com a vitória e a derrota, (iii) vencer através do esforço pessoal, entre outros. Esta interpretação, segundo o autor, parte de uma análise do entendimento da Educação Física/Esporte como “instituições autônomas e isoladas, ou quando muito, como instituições funcionais, ou seja, como instituições que devem colaborar para a funcionalidade e harmonia da sociedade na qual se inserem.”⁶ Em decorrência desta imagem, os aspectos negativos, quando surgem, são atribuídos a disfunções internas da Educação Física/Esportes.

BRACHT aponta para outras afirmações que, em linhas gerais, realizam um paralelo entre a obediência às regras do jogo como uma interiorização de comportamentos desejados pela sociedade. Os comportamentos seriam aqueles necessários para a construção de um “conformista feliz e eficiente”, ou uma pessoa que adote os princípios da competição e da concorrência. A questão levantada seria a conformidade frente às leis e regras.

Para uma discussão destes valores surge-nos o pensamento do que existe no mercado. A tão falada lei de mercado. Qual o tipo de pessoa, que as relações proporcionadas a partir do modelo de mercado, se deseja. Diríamos que o mercado influencia contornos diferenciados na prática pedagógica da Educação Física/Esporte. Quais seriam? Vejamos.

O mercado, ou a visão de mundo proporcionado pelas leis econômicas do mercado influencia de forma direta a prática pedagógica, em qualquer área, com o ser humano. Temos vários autores que trabalham nesta perspectiva. Um deles seria Brocway⁷, que mostra-nos que as políticas econômicas colocam o capital como centro das ações, e não a economia a serviço do homem. Este é um dos fatos que demonstra a visão de desvalorização do ser humano.

Os valores que uma política econômica e social de mercado privilegia são mostradas por ASSMANN⁸. Para este autor a lógica do mercado é uma lógica de exclusão. Exclusão econômica e social que proporciona a desvalorização de grandes massas de seres humanos. Como ele mesmo escreve, “trata-se de ingentes multidões de seres humanos descartáveis (expendable, como se passou a chamá-los em inglês), que já não se encaixam na “lei da rentabilidade”, nem representam “valor” econômico, como o

⁶ Ibid., p. 59.

⁷ BROCWAY, G. P. *A Morte do Homem Econômico: princípios para uma economia no futuro*, Nobel, 1995.

⁸ ASSMANN, H. *Crítica à Lógica da Exclusão: ensaios sobre economia e teologia*, Paulus, 1994.

eram os escravos”⁹.

Este processo instaura-se à partir do início da atual forma de globalização. Que globalização? A globalização que pressupõe, segundo ASSMANN, “um sistema global sem uma ordem global”. ASSMANN refere-se a um processo no qual os valores éticos de solidariedade global inexistem. O autor coloca a busca desta solidariedade como um ponto a ser alcançado para se reverter este quadro. Ele explica que a situação atual é proveniente de uma lógica na qual o crescimento econômico é dito como essencial. Este crescimento coloca como central a questão da eficácia econômica. Para isso, o sistema não precisa de todos, reportando a uma teoria da prescindência¹⁰ em substituição ao conceito de exército de reserva.

Em termos histórico podemos recorrer a HARVEY¹¹ para pinçarmos alguns valores que surgem nesta nova ordem global. Para ele, as mudanças que ocorreram neste século são frutos de “eventos recentes como uma transição no regime de acumulação e no modo de regulamentação social e político a ele associado”¹². Quais as transformações a que ao autor se refere? Entre outras, aos processos de trabalho, hábitos de consumo, bem como às novas atuações estatais.

HARVEY entende que um regime de acumulação influencia de forma decisiva para formar novas relações sociais. Para que ele (regime de acumulação) funcione é necessário uma sincronização da sociedade, de tal forma que crie-se novas normas e hábitos. A isto o autor chama de “uma materialização do regime de acumulação”, e só se consegue isto através de um “modo de regulamentação”. Por isso o autor recorre à escola de regulamentação¹³. Em síntese, uma nova educação popular é necessária, para que se possa apresentar um novo estilo de vida e assumir um novo regime de acumulação. Esta forma de pensar possibilita um certa ordem e uma certa estabilidade para o capitalismo, que é muito dinâmico.

Todo processo de uma nova ordem se instaura. Passa-se de um regime de acumulação para outro. O novo regime é caracterizado por palavras como flexibilização, competitividade e individualismo. Isto mesmo, os valores que surgem nesta nova ordem é a de um individualismo associal absoluto.

⁹ Ibid., p. 5.

¹⁰ Teoria que justifica a exclusão de enormes contingentes populacionais. “podemos perfeitamente prescindir deles!”. ASSMANN, H. Op. cit. p. 52.

¹¹ HARVEY, David. *A Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. Edições Loyola, 1993.

¹² HARVEY, D. Op. cit. p. 117.

¹³ Esta escola recebe a interpretação de que “um regime de acumulação descreve a estabilização, por um longo período, da alocação do produto líquido entre consumo e acumulação; ele implica alguma correspondência entre a transformação tanto nas condições de produção como das condições de reprodução de assalariados”. HARVEY, D. Op. cit. p. 117.

O que leva a diferentes valorizações atribuídas a Educação Física/Esportes? Além desta dimensão econômica apresentada acima, BRACHT apresenta-nos o problema como causa de “diferentes visões de sociedade ou teorias sociais”. O autor afirma que a teoria Estrutural-funcionalista da sociedade é a que incorpora a Educação Física/Esporte como funções do sistema. Isto corresponde dizer que a valorização se dá em função de apresentar uma importância funcional ao sistema. Diríamos que as leis de mercado que surgem como um forte modelo de regulamentação social conseguiria respaldar-se nesta teoria. Por quê? Pelo fato desta teoria permitir a afirmação “de que a nova geração é educada em e para uma sociedade competitiva na qual o princípio do rendimento se impôs”¹⁴, como já demonstrado.

Contra este tipo de entendimento, funcional-estruturalista, BRACHT, com base em LOY et. al. e DEMO, apresenta uma perspectiva marxista de sociedade, na qual, em sua essência, a sociedade capitalista apresenta-se de tal forma que encontramos contradições fundamentais. Esta perspectiva nega a característica harmônica e funcional da sociedade.

Na perspectiva destas teorias o esporte apresenta-se, no que diz respeito ao processo de socialização, com valores diferenciados. Na ótica do conflito¹⁵ teríamos o esporte como reproduzidor da burguesia, bem como ligada a diferenciação de classes. Já na perspectiva estrutural-funcionalista as qualidades atribuídas ao esporte privilegia uma interpretação de um instrumento capaz de reproduzir valores necessários para o convívio harmonioso da sociedade. Não se trata de mudar o sistema, mas sim de “mudanças dentro do sistema”.

Na perspectiva marxista encontramos o entendimento de que o processo de socialização efetiva-se dentro de um sistema de valores específicos. Segue-se, daí, a interpretação de que os valores atribuídos neste processo correspondem a classe dominante. O que o esporte reproduz são desigualdades sociais. Nesta mesma linha de raciocínio, BRACHT nos mostra que o processo de socialização através do esporte escolar é considerado como uma forma de controle social. Os valores propagados pelo esporte refletem uma sociedade capitalista em busca de uma funcionalidade e, por sua vez, procuram transmitir a idéia de que estes valores são normais e desejáveis.

O esporte educa. Será? Este argumento está dentro da ótica estrutural-funcionalista. Por quê? As argumentações (que podem seguir a linha da aceitação das regras sem questioná-las, de vencer tanto no

¹⁴ BRACHT, V. Op. cit. p. 60.

¹⁵ Teoria que privilegia o referencial marxista de interpretação social.

jogo como na vida) apresentadas sugerem que as relações dentro do esporte estão em harmonia com o tipo de relação apresentada na sociedade, para que a vida se torne melhor. Assim, segundo Bracht, temos no esporte o desenvolvimento das idéias que levem a um certo conformismo. Conformismo que se instrumentaliza na noção de que a vitória depende do esforço de cada um, tanto no jogo como na vida. A grande ponte para as explicações das desigualdades sociais perpassam por aí. Como? Temos desigualdades no sistema pelo fato do indivíduo não esforçar-se por uma vida melhor.

Realmente o esporte educa. Mas, para qual sociedade? BRACHT acredita que é uma educação que leva “o indivíduo a uma internalizar valores, normas de comportamento, que lhe possibilitarão adaptar-se à sociedade capitalista[...] uma educação que leva ao acomodamento e não ao questionamento [...] que ofusca, ou lança uma cortina de fumaça sobre as contradições da sociedade capitalista. Uma educação a serviço da classe dominante”¹⁶.

Com estes posicionamentos vemos que BRACHT atribui, de certa forma, ao esporte, ou Educação Física/Esporte, um papel que subordina a prática pedagógica a valores que buscam a submissão a uma determinada ordem social. Mas, de qual vertente esportiva falamos. Na prática, como poder-se-ia entender a perspectiva esportiva que privilegia este ponto? BRACHT expõe esta preocupação da seguinte forma:

Se analisarmos as aulas de Educação Física onde o Esporte escolar é iniciado e desenvolvido, veremos que a idéia da aprendizagem do esporte enquanto aprendizagem das técnicas esportivas, predomina. Isto porque, para a competição, na verdade, é isto que conta. Permeia, portanto, a busca do rendimento atlético-esportivo, que é condição para as possibilidades de vitória nas competições. Com a exacerbação do espírito competitivo do esporte na escola, as técnicas esportivas e o próprio esporte foram elevados à condição de finalidade, ou seja, o esporte enquanto fim em si mesmo. Neste momento, em que a idéia da competição (concorrência) toma conta do esporte escolar, idéia esta que é fomentada pela busca da vitória, às vezes a qualquer custo (lucro), e do que ela representa na nossa sociedade (vencer na vida), já não existe mais espaço para a discussão sobre as normas do esporte, para criação no esporte (adaptar o esporte à realidade social e cultural do grupo que faz esporte = criação cultural); já não existe mais espaço para a preocupação com o desenvolvimento de valores relacionados com o coletivismo (entendido como ações que visem prioritariamente o bem comum, ou seja, priorizem o coletivo ao individual): Já não existe o espaço para a discussão de estratégias que permitam a participação de todos os alunos com as mesmas oportunidades nas aulas, porque o professor tem de preocupar-se com os que apresentam melhor rendimento; preocupar-se com a melhoria da técnica (elevando-a à categoria de fim) preocupar-se com o ensino das regras internacionais dos esportes, ou melhor, com a imposição das regras internacionais que permitirão as condições objetivas de comparação de performances; preocupar-se em desenvolver nos alunos e suas equipes o espírito de competição, condição para obtenção de vitórias (vencer na vida)¹⁷.

¹⁶ BRACHT, V. Op. cit. p. 63.

¹⁷ BRACHT, V. Op. cit. p. 64.

Muitos trabalhos, nos dias atuais tentam refutar esta interpretação do esporte na perspectiva do rendimento. Mas, na prática efetiva, o quadro apresentado acima ainda é contemplado. Como BRACHT diz, “no seu interior a contradição não foi suprimida”.

Em função disto que o esporte social, o esporte educacional e a Educação Física se confundem no senso comum. Vemos, por exemplo o projeto da Mangueira¹⁸. A Mangueira possui uma estrutura macro que, entre outros, possui o projeto olímpico. Neste projeto os valores apresentados parecem ter espaço. Na escola possuímos, no mesmo espaço, as aulas de Educação Física bem como o esporte educacional, promovido pelo INDESP¹⁹. Tanto em um como no outro é o mesmo profissional que atua. Só este fato dá margem para que pensemos na confusão que se estabelece.

No contexto educacional BRACHT apresenta duas vertentes teóricas com posições antagônicas. Encontramos uma que reconhece na Educação “a redenção da sociedade/humanidade (teorias a críticas)” mas, também outra que compreende “a postura teórica que percebe na Educação o papel invariável de reprodução da estrutura social (teorias crítico-reprodutivistas)”²⁰. Com base em SAVIANE, o autor apresenta a preocupação de superação destas posições, com base em uma teoria educacional, que localize a contribuição da Educação para a transformação da sociedade.

BRACHT acredita a escola seja um espaço no qual não se consolida valores de forma hegemônica. Portanto, não se tem um instrumento hegemônico a serviço da classe dominante. Isto permite pensarmos que ela constitui-se um espaço de contradições. Espaço no qual pode-se trabalhar outros valores. Nesta mesma linha de raciocínio vemos a rua como um espaço de contradições. Tanto o é que busca-se meios pelos quais se possa tirar as crianças deste ambiente e colocá-los na escola. Tendo este posicionamento, o autor recorre ao pensamento de GADOTTI para mostrar um caminho possível para uma pedagogia esportiva. Ou seja, um pedagogia que se comprometa com a classe considerada oprimida ou dominada, como diria uma perspectiva marxista. Uma pedagogia que comprometa-se com a classe trabalhadora.

O que se propõe é o “acesso a uma cultura esportiva desmistificada”²¹. E isto só poderá ser efetivado se o objetivo for o de “possibilitar através desta pedagogia, que estes indivíduos possam analisar criticamente

¹⁸ Consultar a página da Escola de Samba na Internet.

¹⁹ Sobre este projeto podemos consultar o texto de MARCHI JUNIOR, W. Programa Esporte Educacional do INDESP: reflexões preliminares sobre o projeto nacional. In V Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física. *As ciências sociais e a história do esporte, lazer e Educação Física*. Ijuí: Ed. Da UNIJUÍ, 1997, pp. 669/676.

²⁰ Ibidem.

²¹ Ibid., p. 65.

o fenômeno esportivo, situá-lo e relacioná-lo com todo o contexto sócio-econômico-político e cultural”²². A partir daí, BRACHT aponta para possíveis caminhos que possibilite uma pedagogia crítica para a Educação Física.

A superação da centralidade no movimento deve ser considerada. Para isso as estratégias devem ser instrumentalizadas de forma diferenciada. Situar a criança dentro de um contexto social. O movimento utilizado é determinado pela condição social. Isto é, “pelos valores e normas introjetados, pela condição econômica e pela posição na estrutura de classes de nossa sociedade”²³. E, principalmente, não devemos negar o esporte por considerá-lo essencialmente burguês. Deve-se, sim, buscar novos sentidos que norteiem esta prática. Entre eles, desenvolver o coletivismo, o jogar “com” ao invés de “contra” o adversário.

No modelo esportivo propriamente dito, seja na escola, no clube ou em alguns projetos sociais isto parece uma utopia. Mas existem projetos que começam a abrir o leque de opções em relação ao menino de rua. O projeto Axé é um exemplo. Este projeto tornou-se um exemplo internacional. Entre outras atividades, este programa trabalha com modalidades esportivas pouco convencionais. É o caso da capoeira, das atividades circenses, dança afro, bem como atividades artísticas como o teatro e a percussão. A proposta que se apresenta é a de proporcionar atividades que realmente contribua para uma vivência cultural.

Acreditamos que estes pontos, aliado com a ação de discutir o que se faz na prática como o próprio BRACHT aponta, poderão contribuir para uma prática transformadora das relações sociais contemporâneas.

O DESFECHO

Podemos fazer algumas considerações, não para encerrar a discussão. Pelo contrário, pretendemos apenas aquiescer a discussão que poderá surgir. O que fica explícito com a construção deste referencial é que o esporte, seja lá qual for a vertente, pode ser utilizado no processo educacional de forma eficaz. O que precisamos é saber qual o objetivo que pretendemos. Caso queiramos um processo educacional no qual a reprodução de valores provenientes de a uma ordem econômica, fica claro que as perspectivas do mercado deva ser contemplada. Isto não é difícil. Basta continuarmos com a ênfase no modelo biológico que a Educação física contempla. É tão fácil que podemos até continuar com o discurso de tratarmos do

²² Ibid., p. 65

²³ Ibid., p. 67.

cognitivo e do afetivo junto ao físico.

Caso pretendamos dar um contorno diferenciado a estas práticas, concordamos com vários posicionamentos apresentados pelos autores trabalhados. Em especial, concordamos com BRACHT quando este nos lembra de que não devemos abandonar o esporte, mas sim contextualizá-lo dentro do processo educacional. A análise crítica deste fenômeno, frente a realidade mais ampla nos possibilita acreditar numa contribuição na formação de cidadãos. Principalmente em se tratando de meninos de rua. Usar o esporte como meio de exacerbação da individualidade para estes meninos é contemplar uma segunda exclusão.

REFERÊNCIAS

3º CONGRESSO Latino-Americano Esporte, *Educação e Saúde no Movimento Humano*, 30 de junho a 05 de julho de 1996. Cascavel: Gráfica Universitária, 1996.

BRACHT, V. *Educação Física e Aprendizagem Social*. Porto Alegre: Magister, 1992.

BROCWAY, G. P. *A Morte do Homem Econômico: princípios para uma economia no futuro*. São Paulo: Nobel, 1995.

ASSMANN, H. *Crítica à Lógica da Exclusão: ensaios sobre economia e teologia*. São Paulo: Paulus, 1994.

HARVEY, D. *A Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança Cultural*. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

V ENCONTRO Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física. *As ciências sociais e a história do esporte, lazer e Educação Física*. Ijuí: Ed. da UNIJUÍ, 1997.

Constantino Ribeiro de Oliveira Júnior

Universidade Estadual de Ponta Grossa

Referência do artigo:

ABNT

JUNIOR, C. R. O. O esporte como componente educacional para meninos de rua. *Conexões*, v.1, n. 1, p. 49-60, 1998.

APA

Junior, C. R. O. (1998). O esporte como componente educacional para meninos de rua. *Conexões*, 1(1), 49-60.

VANCOUVER

Junior CRO. O esporte como componente educacional para meninos de rua. *Conexões*, 1998, 1(1): 49-60.